

CLÁUDIA R. SAMPAIO

Para o Jaime Rocha

Desempregados da Cidade

Desempregados da cidade, amávamos a lentidão de tudo
Ao redor da mesa, uma coisa de aparição,
desdobrando poemas
A paisagem vinha-nos à boca, pão quente da nossa fé
Que dissemos nós que não soubesse a nossa vida?

Queríamos ser universo,
fazer o perigo desencontrado da cabeça
a cabeça desencontrada do corpo
a espera das palavras que nos levassem ao nosso início
a nossa sorte era nem estarmos completos

Aquele lugar que era uma oliveira sozinha
com todo o amor lá dentro
mãe de ramos inertes a pairar sobre os campos

E agora vamos ler, disseste com a luz na boca
porque queríamos o louvor das causas simples,
como dançar a pares numa festa de indignados
traçar o invisível com a fúria das manhãs puras

Íamos percorrendo a estrada com a alegria das
coisas que se deixam ser percorridas
Aquele lugar que era um cravo com uma harpa
espetada no silêncio
ecoavam ao vento
A senhora dos Remédios ao alto

Somos terra, dizia
absolutamente vivos
com o verde a derreter ao longe

Aquele lugar que era uma casa feita de barro
com o pensamento a nascer ao colo
A poesia, dizia eu,
já ninguém lá vive
Uma casa feita de barro com a nossa história
a viver nas cadeiras

e calava-nos de espanto
provocava ventos

E ainda a árvore que era um homem por fora
num sítio que não se espera
um ardor divino
O homem eramos nós, presos na paisagem

Eu sou o espaço, dizias
E acalmavas o dia com as flores a nascer na nuca,
o céu a enfeitar o pescoço

Éramos os poetas da oliveira que era um homem
numa casa de barro
heróis dos minutos estagnados
puxando-os como carroças que acabavam
extraordinariamente vívidas às nossas costas

Lembro-me de sorrirmos

II

Íamos sendo, como quem diz, vivos
como quem diz, um pouco de sol deitado
no chão da Sarvinda

* * *

Ficarei sentada nesta imagem
que é o Verão a descer em chuva
a pensar na matéria que nos desenha
ou se nos fundimos no lugar
cada um no seu horizonte

Viver nisto: onde me situo?

Deve ser assim, o poema
fabricar a casa à volta da miragem
escalar os montes, escalar os amigos
gravitar na memória da vila
uma impressão do fim para o início

-Poesia, Um Dia 2019